HOMENAGEM AO PROF. MÁRIO FERREIRA LAGES*

Mário Pinto

1. Venho gostosamente oferecer umas curtas palavras de pública homenagem académica e pessoal ao Prof. Mário Ferreira Lages, neste encontro de colegas, alunos, amigos e admiradores seus, com dois sentimentos dominantes, algo contraditórios.

Por um lado, com sentimentos modestos, que a graça de Deus nos concede, creio eu, na terceira idade da nossa vida, sempre que, como *re-tirados* ou *a-posentados* (isto é, *mudados de posição*), olhamos para trás, procurando ver os traços das caminhadas que fizemos. Mas, por outro lado, com sentimentos de admiração e de júbilo – como *jubilados* – porque é irrecusável a luz do mistério na vida de cada um, quando a procuramos (porque a luz só a vemos pelo foco do olhar).

2. Quem for ler o Curriculum académico do Prof. Mário Ferreira Lages no *site* da Faculdade de Ciências Humanas da Universidade Católica, logo pode colher uma forte impressão, ao ver a lista extensíssima das suas actividades e publicações. Que figura operosa em campos científicos, culturais e técnicos tão variados, embora mantendo entre si uma evidente conexão científica e cultural. Que universitário tão frequente em cargos de responsabilidades de coordenação e direcção. E faltam aí as infindas horas de aula, de reunião, de conversa útil, enfim, os inteiros anos de vida passada na Universidade ou a trabalhar para ela, que sobretudo os mais antigos observaram muito bem.

Examinando esse currículo com atenção, até a nós, que o conhecemos melhor por termos vivido com ele longos anos como companheiros universitários, nos surpreende a sua grandeza. De certo modo, foi este contraste, entre a pessoa comungada (em décadas de convivência) e a sua

---

* Sessão realizada em Lisboa na Universidade Católica Portuguesa, em 3 de Julho de 2012.

obra descrita no site, que me inspirou o fio das considerações que trago a esta reunião, em homenagem do Prof. Mário Lages. É que a pessoa inteira do Prof. Mário Lages não está lá, no seu Curriculum Vitae.

3. Começarei por um olhar sobre a história do seu percurso de formação. Um olhar não intrusivo, claro, mas interrogador.

Logo depois de ter recebido a ordenação sacerdotal, nos para mim saudosos anos 50, o jovem Mário Ferreira Lages seguiu para Roma, a capital da *Igreja Católica*, onde, em 1962, se doutorou em ciências sociais. Daí, o jovem padre e doutor segue para Paris, a capital da *laicidade internacional*; e aí obtém, em 1967, o título de perito em Sacra Liturgia e estuda arménio clássico, em 1968. Portanto o doutor em ciências profanas em Roma, estuda coisas sagradas em Paris – e isso na década do Concílio Vaticano II e da imediata gestação e explosão do já lendário Maio de 68, a revolução que abriu a porta da pós-modernidade.

Quem, nunca tendo pessoalmente conhecido o Prof. Mário Lages, ouvisse uma introdução curricular assim à Hitchcock, haveria de esperar um filme de vida sacerdotal e académica cheia de surpresas, de choque e fragor. Mas não.

Terminada essa fase rica de preparação científica, regressa a Portugal, e a sua vida decorre discreta. Ensina nas áreas das ciências sociais, no Instituto Superior de Serviço Social e depois na Universidade Católica Portuguesa — duas instituições de ensino superior da Igreja onde se viu inegável pioneirismo nos estudos sociais. Não consta que, então, tenha sido focado (ou desfocado...) pelas luzes da fama mediática, que fareja sempre tudo quanto é choque e escândalo; nem mesmo durante o imediato período revolucionário português de 74-75. Que eu saiba (e fomos colegas, quer no Instituto, quer na Faculdade), viveu nesse tempo e nessas escolas como todos os espíritos abertos e generosos, mas prudentes. Anos mais tarde lhe ouvi, na Fundação Gulbenkian, uma notável conferência sobre a pós-modernidade, a convite de Roberto Carneiro, que depois foi publicada; e então confirmei que ele sabia imenso e bem nessa problemática, tão referida à *maré* de ânimo irracionalista do nosso tempo.

4. Este Mário Lages assim recortado superficialmente, nós o conhecemos como colega, companheiro e amigo de longos anos. Vivo, no seu temperamento suave e cordial; discreto, mas inteligente; tranquilo, mas

activíssimo. Nós o conhecemos como pessoa inteira, e é sobretudo assim que eu acho que ele merece a nossa justa homenagem.

Sem dúvida, desde logo nas mais operativas facetas do homem universitário: que são, de acordo com o respectivo perfil, as de investigador, professor e activo participante na relação: Universidade e Sociedade Civil.

Mas embora conheça essas facetas da sua valiosa actividade universitária, e lhes atribua o maior mérito, justificativo da nossa homenagem, como já disse, não vou privilegiar a apreciação da sua obra científica e de investigação; nem mesmo dos seus êxitos docentes, seja no Instituto Superior de Serviço Social, seja na Universidade Católica (e mais valorizo um professor do que um investigador); nem do seu papel importante em várias instituições e iniciativas de inter-acção da Universidade com a Sociedade Civil, como no CEPCEP e no Centro de Sondagens da Universidade Católica.

Sem menorizar nenhuma dessas facetas, que outros focarão melhor do que eu, a encarnação pessoal universitária de Mário Lages creio que não pode ser esquecida numa perspectiva mais funda, como pessoa inteira: de curriculum, sim, mas além disso de virtude, membro excelente numa comunidade muito exigente e difícil, que é a comunidade universitária.

É claro que, entrar por aqui, é arriscado. É o mesmo que cair na questão da Universidade, na direcção radical e medular da *vida* universitária, mais do que simplesmente da *missão* da Universidade. Naquela direcção que nos confronta com o dilema: é a Universidade que faz o homem? Ou é o homem que faz a Universidade?

5. Como tenho de abreviar severamente as minhas considerações, vou titular o pouco que vou dizer englobando-o na *virtude*. Repetindo o que já disse, agradeço infinitamente a Mário Lages que, em sua homenagem, me sinta impelido a falar destas coisas: que são mais da sua pessoa, do que da sua figura curricular; da sua *vida* operosa, do que da sua *obra* feita. Poderia homenageá-lo melhor de outro modo?

A virtude tudo pode penetrar, tudo pode radicar, tudo pode vivificar. E será por isso que se coloca num plano diferente do das simples obras ou actividades, das ciências e das artes. Pode ser indiciada por estas, mas não é redutível a elas. Pelo contrário, como nos ensinou S. Paulo [1Cor 13,3]: podemos literalmente dar tudo aos pobres e até entregar o nosso corpo às chamas, que, se não tivermos amor, para nada nos aproveita. Ora, o amor é a rainha das virtudes e é imortal.

Os grandes Autores clássicos, depois os Padres da Igreja, depois os Mestres da Escolástica, depois os Humanistas e até os Modernos, sempre puseram a virtude acima da ciência e da arte. Assim nos deixou escrito Cícero: «Virtus, probitas, integritas in candidato, non linguae volubilitas, non ars, non scientia requiri solet [Cícero, *Pro Plancio* 62]. Que é como quem diz: A virtude, a probidade, a integridade são mais requeridas do que a eloquência, a arte e a ciência.

É verdade que a virtude é filha da sabedoria; mas a sabedoria é a suma divina de todos os dons e potências; e, como sabemos, quer a «inteligência» quer a «ciência» estão ambas bem distinguidas na profecia de Isaías, mas abaixo da «sabedoria», que está destacada em primeiro lugar, bem no alto (Is 11,1-2). E da profecia de Isaías se reclamou Jesus Cristo, na auto-apresentação messiânica que fez na Sinagoga de Nazaré (Lc 4, 16-21).

A virtude, di-lo outro clássico, tem uma qualidade única: é a única coisa que não se dá, nem se recebe – *Virtus sola neque dono datur neque accipitur* [Salústio, *Bellum Iugurthinum* 85.8]. Em linguagem hodierna, não é transaccionável, e por isso não é corruptível.

Na expressão de outro clássico, o prémio da virtude é a própria virtude – *Virtutem pretium esse sui* [Ovídio, *Ex Ponto* 2.3] Por isso, ela só pode ser procurada pelo amor, como ficou lapidarmente na conhecida legenda: *Virtutis amore*.

Desculpar-me-ão estas citações, mas faço-as intencionalmente, para vincar como os clássicos pré-cristãos (e já não falo dos Padres da Igreja e dos Humanistas posteriores) possuíam a reverência e o amor da virtude, acima de tudo; e disso falavam e escreviam publicamente os mais doutos e ilustres, em termos que hoje quase parece vergonha usar.

6. A Universidade, e em especial uma Universidade Católica, é como que à imagem de um templo da sabedoria. E ainda que possa ser pensada no pátio dos gentios desse templo, não podem aí instalar-se apenas as várias tendas das várias ciências e artes profanas, todas sem terem em conta a proximidade do interior sagrado, do *Santo dos santos*; eventualmente tendo apenas ao lado uma tendinha teológica, que por vezes também pode parecer distanciada do *Santo dos santos*, mais tenda de *razão humana* do que de *teo-logia*, que consome a teo-sofia e a *liturgia*.

Sim, uma universidade só o é se se mantiver fiel à sua tensa vocação com a Sabedoria mãe da Virtude. Não podemos cair no transpersonalismo; a sua ideia de mérito, o seu *espírito* e o seu arquétipo, só existe se

for alimentada pela tensão do que forem e fizerem os seus professores e alunos. Mas, por outro lado, a Universidade não é o que *de facto* fizerem os professores e alunos, se não forem virtuosos.

Daqui que a tradição universitária de homenagear pública e solenemente aqueles que exemplarmente terminam a sua carreira de vida activa universitária, não só é justa como é sábia; não só é acto de justiça para com as pessoas como o é para a instituição.

Uma Universidade é um centro de investigação, de procura do saber; e é simultaneamente um estabelecimento de ensino, de *transmissão* do saber. Mas, sendo ambas estas coisas, ela é muito mais do que *organização e lugar físico de actividades de investigação e de ensino*; ela é primacialmente uma *comunidade de mestres e alunos*, ou de *alunos e mestres* – como a história nos mostra na dupla génese das universidades: umas de alunos, outras de mestres, mas necessariamente sempre de uns e outros.

7. Neste ponto, permitam-me que acentue que uma comunidade é necessariamente tecida de compromissos. Necessariamente. Tal é irrecusável para todas as Universidades, por mais coisificadas, mercantilizadas ou tecnicizadas que possam ser; por mais relativistas ou pós-modernistas que se proclamem.

Mas de modo muito especial numa Universidade Católica. As Universidades Católicas possuem uma identidade própria, bem definida em documentos doutrinários solenes, em diplomas legais, em autoridades eclesiásticas e em compromissos, para os seus docentes e para os seus alunos, que não é digno esquecer ou mesmo desvalorizar depois de se terem assumido – a não ser desvalorizando a própria palavra e a própria dignidade pessoal.

Homem da minha geração, que conhece e estima o património de sabedoria e virtude das milenares gerações antecedentes, tenho dificuldade em compreender como hoje se desvaloriza tão levemente o que durante séculos e milénios foi grande, valioso e até sagrado, para os nossos antepassados, que não eram nem tolos nem maus.

Os impressionantes avanços científicos e técnicos do nosso tempo, se nos dão imenso poder sobre a natureza e sobre a organização da sociedade, e com isso nos libertam, não nos resolveram nenhum dos magnos e decisivos problemas do homem, desde sempre enfrentados pela filosofia e pela fé, da origem da vida e da razão de viver humanamente. Mas a embriaguês do conhecimento científico e técnico, que nos dá domínio

material e certo bem-estar, parece que nos faz esquecer um sentimento humano que é radical: o respeito, o compromisso.

Em linguagem bíblica, chama-se-lhe «o temor», que – diz a Escritura – é a porta da sabedoria. Em linguagem mais comum, o respeito é reconhecer o que está para além de nós e nos transcende, o que implica necessariamente fidelidade. Quem não é fiel ao outro, ou aos compromissos com o outro, destrói o chão da convivência pacífica e fecunda; estabelece a desconfiança eterna com os outros, porque assim ninguém pode confiar em ninguém: o inferno.

Ora, hoje não se pensa que seja imperioso respeitar compromissos, nem sequer os que são *cobráveis*: tudo é sempre possível não apenas discutir, ou pôr em causa, mas até mesmo rejeitar. Se, em matéria de economia, já se descobriu cientificamente e se reconheceu na prática a importância da confiança (universalizada no jargão inglês: *trust*), o mesmo se não dá no campo moral e espiritual, em que socialmente se respira um ar de completa dúvida e desvinculação pós-moderna: eu aprovo o que aprovo em cada instante, e posso mudar de opinião e de fidelidade em qualquer altura, mesmo contra os meus compromissos.

Em rigor, este pós-modernismo é paradoxal. Por exemplo: nos contratos de trabalho, é dogmático que devam ser por tempo indeterminado (e nem sequer a termo) e só rescindíveis por justa causa da responsabilidade do outro, portanto mantidos fielmente a todo o custo. Mas, em outros domínios da vida social, e inclusive nos mais pessoais vínculos da vida, inclusive de família, tudo deve ser absolutamente precário, a ponto de nem se dever fazer contrato. Em resumo: confiança e fidelidade na economia; mas podem-se desvalorizar os compromissos que são de ordem espiritual.

Ora a coesão social radica nas pessoas, não nas matérias. Se não se respeitam os compromissos pela honra pessoal, a palavra nada vale pela matéria. E, sem palavra, o homem desumaniza-se e a sociedade desagrega-se.

Permitam-me que o sublinhe: isto tudo o pensei e digo, sim, em homenagem a Mário Lages. Ele foi fiel aos seus compromissos; foi fiel à Universidade; foi fiel à amizade. Nunca nos faltou. Nunca nos atacou. Nunca nos abandonou. Nunca nos desconfortou nem desalentou.

É tempo de terminar.

O Prof. Mário Lages é, como eu o vejo, uma daquelas preciosas pessoas que vivem exemplarmente a sua comunhão humana; e a vivem, direi, evangelicamente: não chocando nem sequer com a sua caridade

escondida. Cumprem excelentemente as suas tarefas, estudam, ensinam, organizam, participam, fazem, dialogam, convivem... e parecem passar despercebidas àqueles que só se dão conta do que há fora de si quando são chocados. Ora Mário Lages não é *chocante*. Não sei, nem o quero julgar – seria estultícia – mas devo dizer que ele me parece cumprir bem o *fundamental mandamento contra-chocante* de Cristo: «aprendei de mim, que sou manso e humilde de coração». Não me lembro, em tantos anos de convívio, de alguma vez o ter visto nem vaidoso nem zangado; nem imperioso nem ofendido: sempre operoso e excelente; sempre afável e modesto.

Sim, Prof. Mário Lages, muito obrigado pela sua vida vivida entre nós; pela sua amizade pessoal, pelo seu trabalho na Universidade Católica, de investigação, de publicação, de ensino, de coordenações científicas e pedagógicas, de extensão para a sociedade civil, de fraternidade universitária; mas, acima de tudo, pelo seu pessoal exemplo humano e académico. Nós o comemoramos hoje, aqui, com muita alegria. Creio poder dizer com muitos: aceite a nossa gratidão e a nossa honra.

Com uma pequena adenda, que aposto lhe vai a gosto. É que, numa Universidade Católica, e sobretudo nestas horas de jubilosa recordação, é salutar alegrarmo-nos com a nossa glória, mas dizendo: «somos servos inúteis».

Tenho dito